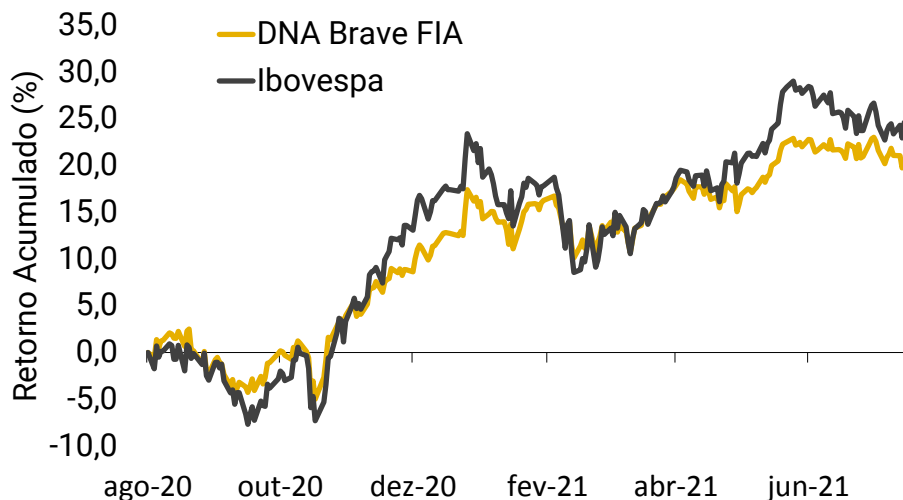


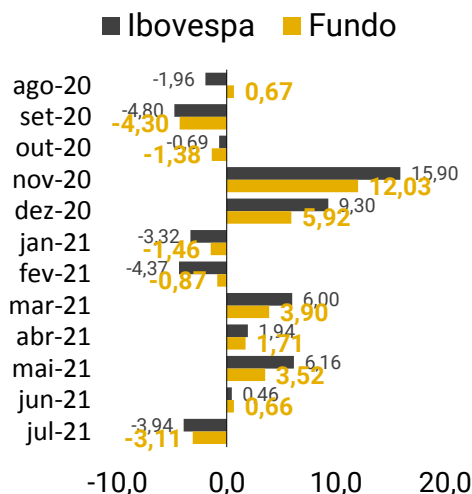
RENTABILIDADE

Início do fundo: 14/ago/2020

Retornos acumulados - Desde o início



Retornos Mensais



Resultados (%)	no mês	2021	12 meses	Início
Fundo	-3,11	4,22	17,51	17,51
Ibovespa	-3,94	2,34	20,17	20,17

Medidas de risco (desde o início)	
Volatilidade	15,41%
Maior queda ¹	-7,32%

Patrimônio líquido
R\$ 58.487.243

Médio em 12 meses
R\$ 25.694.878

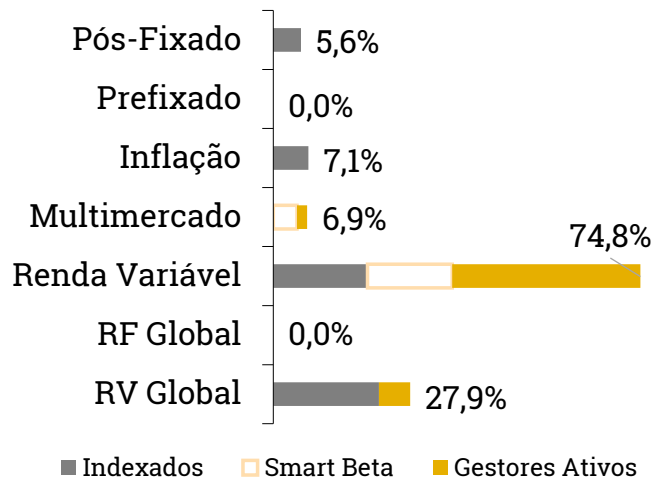
Patrimônio dos fundos DNA
R\$ 2.068.474.014

SOBRE O FUNDO

O fundo busca trazer ganhos reais a seus investidores investindo em várias classes de ativos², de acordo com o **Portfólio Destemido**, da XP Allocation

Sugerimos um horizonte de investimento de 8 anos ou mais. O fundo respeitará, a todo tempo, o **limite de 50 pontos de risco**, conforme Metodologia de Risco XP.

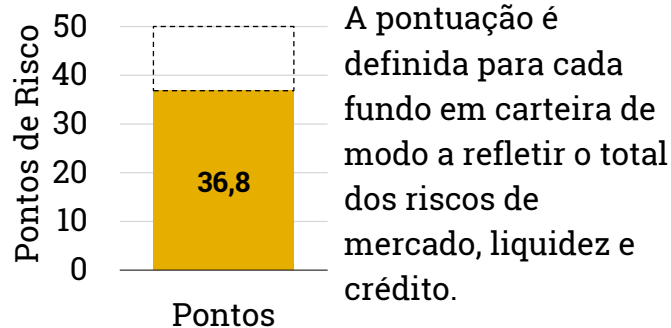
CARTEIRA ATUAL (fechamento do mês)



RETORNO ESPERADO

Mensalmente são publicados os retornos esperados para os próximos 5 anos dos portfólios da XP Allocation no relatório 5 anos em 5 minutos. As estimativas dadas para o **Portfólio Destemido** podem ser utilizadas como referência para esse fundo.

UTILIZAÇÃO DE RISCO (fechamento do mês)



1. Refere-se à maior perda acumulada desde um pico da cota até o menor nível subsequente. 2. Uma **Classe de Ativos** é um grupo de ativos que comporta de maneira similar. Renda Variável é um ótimo exemplo.

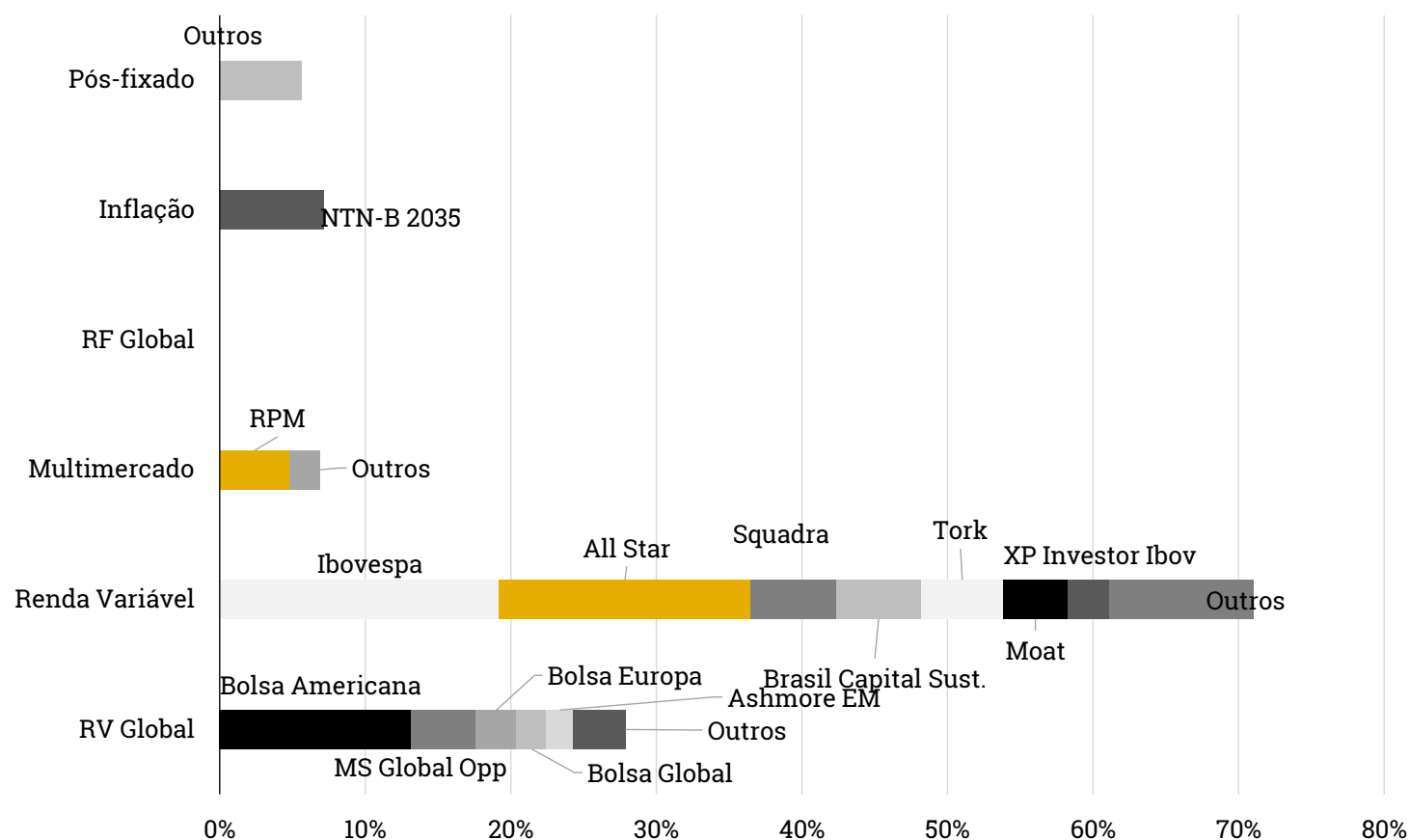
COMENTÁRIO DA GESTÃO

Em julho o fundo obteve retornos negativos. Neste mês ativos de risco foram bastante penalizados pelo mercado, especialmente no Brasil onde as incertezas sobre os gastos do governo aumentaram. Neste cenário desafiador reiteramos a importância de o investidor se manter orientado ao seu horizonte de investimentos.

O resultado foi especialmente impactado pelo rendimento negativo da classe de ativos de renda variável no Brasil. A classe de renda variável global, especialmente na parcela com exposição cambial, ajudou a contrapor um pouco essas perdas.

Com o avanço da vacinação no Brasil, tese que perquirimos e usufruímos há cerca de três meses, reduzimos a exposição em bolsa brasileira para 75%, frente os 85% anteriores e fizemos um aumento de mesmo tamanho em renda variável global contrapondo essa redução de risco, meio a meio entre a parcela hedgeada e a parcela com exposição cambial.

EXPOSIÇÃO POR CLASSE E ATIVOS (fechamento do mês)



3. Considera a visão consolidada das carteiras dos fundos de fundos geridos pela XP Vista. Posições menores do que 1% foram agrupadas em "Outros".

NOSSOS TEMAS DE INVESTIMENTO

Quando montamos nossos cenários e carteiras é muito importante enxergar o que está acontecendo no mundo. Alguns acontecimentos ocorrem rápido, com consequências imediatas. Outros são lentos, demorando anos para acontecer. Esses são os Temas. Há ainda os que entendemos que, se se materializarem, poderão ter grande impacto, mas não estão de fato ocorrendo: são os Riscos.

A pandemia de coronavírus é um bom exemplo. Quando começaram a aparecer os primeiros casos na Ásia, havia o Risco que essa nova gripe se transformasse numa epidemia e depois numa pandemia. Hoje sabemos que é o que ocorreu, mas em janeiro de 2020 ainda era muito difícil de prever.

Em março ficou claro para todos que a pandemia era uma realidade, com fatalidades se somando na Europa e os primeiros lockdowns começando a acontecer: o risco havia se materializado. Começou-se a olhar então para o que aconteceria após a profunda recessão que se materializava no mundo inteiro: a recuperação seria rápida ou lenta?

Nesse momento nossa visão de mundo ganhou 2 novos temas: **Recuperação em V nos Estados Unidos**, sendo a tese que em meio a fortes estímulos fiscais e monetários a economia americana se recuperaria rapidamente e **Mundo Após o Coronavírus**, dada a importância de saber se as coisas voltariam ao normal quando a pandemia fosse controlada.

No final de julho foi confirmado que o PIB da economia americana está acima do nível pré-Pandemia, marcando o fim da "recuperação em V" que imaginávamos. Substituímos esse tema por sua continuação: **Aperto Monetário nos Estados Unidos**, importante dado o impacto que a eventual alta de juros na maior economia do mundo pode ter sobre todas as classes de ativos.

Nosso último tema na parte global é o crescente atrito entre as duas maiores economias do mundo. E depois da pandemia e da troca de comando no mundo, outros países têm se juntado aos Estados Unidos, e a China tem ficado cada vez mais isolada. A esse tema (que antes era um risco), damos o nome de **Encilhamento da China**.

No Brasil nossos temas mais importantes são o **Andamento das Reformas**, o **Ciclo de Alta da Selic**, que tem fortes repercussões na economia como um todo e a **Vacinação contra o Coronavírus**.

Como isso impacta a alocação dos portfólios

Quando montamos nossos cenários e carteiras é muito importante enxergar o que está acontecendo no mundo. Alguns acontecimentos ocorrem rápido, com consequências imediatas. Outros são lentos, demorando anos para acontecer. Esses são os Temas. Há ainda os que entendemos que, se se materializarem, poderão ter grande impacto, mas não estão de fato ocorrendo: são os Riscos.

Como exemplo, no início do ano discutimos se fazia sentido ter uma posição direta em ações chinesas.

Por mais que houvesse méritos, acabávamos por esbarrar em dois grandes temas: um dizendo que a economia americana se recuperaria primeiro e outro que empresas na China poderiam ser prejudicadas por maiores atritos com o Ocidente. A bolsa chinesa está ao fechamento de julho quase 20% abaixo de seu nível de fevereiro.

Na outra direção, nossos temas de Brasil nos indicavam que haveria uma recuperação dos ativos domésticos após um primeiro trimestre duro: aceleração da vacinação puxaria a bolsa, e a alta da Selic ajudaria o Real a ganhar terreno contra o Dólar.

Mesmo com a queda desta sexta, a bolsa brasileira ainda está em alta de 5% desde o final de março, com o Real se apreciando 7,5% vs. o Dólar. Durante esse período, carregamos uma posição relevante de bolsa e a menor posição em dólar, ambos contribuíram para os resultados. Agora, no final de julho, com a vacinação já adiantada e a Selic bem mais alta, passamos a aumentar um pouco a posição em dólares e reduzir a posição de bolsa brasileira.

Divulgamos esta carta logo depois que o Banco Central (BC) elevou em 1,0% a taxa Selic, indo para 5,25% ao ano. Sempre há interesse em saber como seus investimentos vão reagir à alta da Selic, preocupação inclusive muito justa. A boa notícia é que é parte do nosso trabalho como gestores pensar nos impactos da alta de juros nos diversos mercados e adaptar a carteira de acordo. Já desde fevereiro um de nossos temas é justamente Alta de Juros no Brasil. (A partir desta carta passaremos sempre a deixar sempre expostos nossos “Temas” de investimento. Você pode ler mais sobre eles na seção de cenário, que vem logo antes desta carta aberta).

A pergunta que estamos sempre tentando responder é: esse mercado (ou classe de ativo) vai render mais ou menos do que a Selic/CDI? Nossa abordagem é fazer estimativas de um a um, atualizadas todos os meses, com o horizonte de 5 anos. Publicamos um relatório mensal sobre isso, intitulado “5 anos em 5 minutos”. O mais recente, publicado no último dia de julho, está disponível em <https://bit.ly/3ywAh7C>. Com base nessas estimativas, construímos nossas carteiras.

A primeira coisa a saber é que uma parte da carteira dos fundos rende Selic (ou CDI, seu irmão gêmeo). É o que chamamos de **Pós-Fixado** no quadrinho da “CARTEIRA ATUAL” na primeira página da carta. Esta parcela acumula a Selic a cada dia, ou seja, a partir de amanhã começa a render um pouco mais, refletindo os juros mais altos. Aqui há pouca incerteza: se o BC sobe os juros, esse pedaço passa a ganhar mais a cada dia.

O que chamados de **Multimercado** também passa por um efeito semelhante. A grande maioria desses fundos detém um percentual alto da carteira em ativos atrelados ao CDI e Selic, que são a base de seus portfólios. Você sempre pode imaginar que a rentabilidade de um fundo multimercado será Selic, menos a taxa de administração, mais o que o gestor for capaz de gerar de resultados. Além disso, conforme for possível os gestores podem ter posições que se aproveitam da alta da Selic, ou até de expectativas de que a taxa vá subir demais.

Faço um parêntese aqui: se você é cotista do DNA Serenity, as duas “Classes de Ativo” acima já representam mais de 90% da sua carteira: a cada alta da Selic o fundo passa a render um pouco mais. Do DNA Energy são pouco menos de 30%. A parcela nesses papéis de menor risco é justamente uma das coisas que acaba definindo o “balanço” do fundo: seu risco.

A parcela que chamamos de **Inflação** tem um comportamento um pouco mais complicado. Os papéis deste tipo de renda fixa remuneram seus investidores com uma combinação de inflação (normalmente o IPCA divulgado pelo IBGE) e uma taxa de juros fixa.

Uma parte importante de nossa exposição está na NTN-B 2035, um título emitido pelo Brasil, também conhecido por Tesouro IPCA. Se comprada hoje pagará até seu vencimento, em maio de 2035, a inflação (IPCA) mais 4,3% ao ano. Temos esse papel em carteira pois nossas estimativas indicam que carregar esse papel trará ganhos superiores à Selic acumulada ao longo do tempo, além de ser resiliente em cenários de aumento inesperado da inflação.

Em seguida os investimentos em ações no Brasil, que chamamos de **Renda Variável**. As ações de empresas brasileiras são afetadas pela Selic de várias formas: suas dívidas ficam mais caras à medida que os juros sobem, por exemplo. Nosso retorno esperado para ações no Brasil está ancorado em três variáveis principais: quanto de dividendos as empresas vão pagar, o que depende pouco da Selic, a velocidade de crescimento de seus lucros, que depende em maior ou menor grau do crescimento da economia, e do quanto os investidores estão dispostos a pagar pelas ações. Esse último depende de quão atraentes são as ações em relação à renda fixa, mais intimamente ligado à Selic. Porém, o mercado, assim como nós, olha para como a taxa de juros está nos próximos anos, dependendo pouco de cada movimento isoladamente.

Dado o porte do Brasil, nossa taxa de juros tem pouca ou nenhuma influência sobre o retorno dos ativos no exterior, um dos motivos que os torna, inclusive, bons diversificadores de nossas carteiras. A exceção a essa regra é a parcela exposta à **variação do Dólar contra o Real**, que inclusive passou os últimos 3 meses próxima de sua mínima história nos fundos DNA. Juros mais altos tornam a renda fixa brasileira mais atraente para investidores estrangeiros, valorizando nossa moeda.

Por fim a alta da Selic melhora os retornos esperados dos ativos internacionais sem risco cambial. Isso porque tanto na Renda Variável Global (**RV Global**) quanto na Renda Fixa Global (**RF Global**) para nos livrarmos da variação do Dólar, pagamos os juros dos Estados Unidos e recebemos os juros do Brasil (sim! a Selic). Isso faz com que a rentabilidade melhore a cada alta da Selic.

A parte mais importante é que o impacto de um Ciclo de Alta da Selic, como chamamos o todo o processo desde a primeira alta da taxa, que foi em meados de março deste ano, até que ela atinja seu novo equilíbrio é normalmente previsível com antecedência. É por isso que não fazemos ajustes bruscos nas carteiras a cada movimento do BC: e sim gradualmente à medida que muda nossa percepção acerca da taxa de equilíbrio e da velocidade com que chegaremos lá.

PERGUNTAS FREQUENTES

CARACTERÍSTICAS

Como saber se esse fundo é para mim?

Verifique se seu perfil combina com o perfil de suitability do fundo (Agressivo) e se você vai conseguir deixar seu dinheiro aplicado pela maior parte do horizonte de investimentos do fundo (ver texto 'Sobre o fundo').

Eu deveria comprar mais de um fundo DNA?

Os fundos DNA foram concebidos para que cada fundo seja uma carteira completa para seu respectivo perfil.

Você poderia usar mais de 1 fundo, se quer separar seus investimentos conforme seu horizonte em pedacos distintos de seu patrimônio.

Alguém recebe comissões sobre os investimentos feitos pelo fundo?

Sim, o próprio fundo DNA!

Muitos dos fundos em carteira oferecem alguma comissão, e ela é revertida integralmente para o próprio fundo DNA, diminuindo os custos do fundo e aumentando sua rentabilidade.

Público alvo

Investidores em geral

Taxa de administração

0,90% ao ano

Taxa de adm. efetiva

1,52% ao ano

Taxa de Performance

10% do que exceder o Ibovespa

Aplicação**Cotização**

dia útil seguinte à aplicação

Mínimo inicial

R\$ 100,00

Resgate**Cotização**

5 dias após pedido

Liquidação

3 dias úteis após a cotização

Saldo mínimo

R\$ 100,00

Movimentação mínima

R\$ 100,00

Tributação**Regra**

Renda Variável

Sujeito a come-cotas¹

Não

Ao resgatar

15,0%

Prestadores de serviço**Administrador**

BNY Mellon Serviços Financeiros

Custodiante

BNY Mellon Banco

Gestor

XP Vista Asset Management LTDA

Distribuidor

XP Investimentos CCTVM S.A.

Auditor

KPMG Auditores Independentes

1. Come-cotas é o nome que se dá para uma antecipação no recolhimento do Imposto de Renda em fundos de investimento de diversos tipos. Ele ocorre ao final dos meses de maio e novembro de todos os anos.

Este material é de caráter exclusivamente informativo e não deve ser considerado como recomendação de investimento ou oferta de compra ou venda de cotas do Fundo.

LEIA O PROSPECTO, O REGULAMENTO, O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES E A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS ANTES DE INVESTIR. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO - FGC. O presente material foi preparado de acordo com informações necessárias ao atendimento das normas e melhores práticas emanadas pela CVM e ANBIMA. As informações contidas nesse material estão em consonância com o Prospecto, porém não o substituem. É recomendada a leitura cuidadosa do Prospecto, do Regulamento, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, com especial atenção para as cláusulas relativas ao objetivo e à política de investimento do fundo, bem como para as disposições acerca dos fatores de risco a que o fundo está exposto, antes da tomada de qualquer decisão de investimento. SUPERVISÃO E FISCALIZAÇÃO: Comissão de Valores Mobiliários – CVM; Serviços de Atendimento ao Cidadão em www.cvm.gov.br.

Os fundos multimercados com renda variável podem estar expostos a significativa concentração de ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. O fundo poderá aplicar até 20% (vinte por cento) do seu patrimônio líquido em ativos financeiros negociados no exterior. O FUNDO tem como público alvo os investidores em geral que buscam atingir a valorização de suas cotas por meio de aplicação dos recursos em carteira diversificada de ativos financeiros e demais modalidades operacionais disponíveis no âmbito do mercado financeiro e de capitais, nacional e internacional, investindo preferencialmente em ativos que tenham como principal fator de risco a variação do preço do ouro, acrescido do CDI no médio e longo prazo.

A XP Asset Management é uma marca utilizada por XP Gestão de Recursos Ltda. ("XPG") e XP Vista Asset Management Ltda. ("XPV"), que são gestoras de recursos de valores mobiliários segregadas e autônomas autorizadas a funcionar pela Comissão de Valores Mobiliários - CVM e constituídas na forma da Instrução CVM nº 558/15. Todas as regras regulatórias de segregação são observadas pelas gestoras.